



CORNÉLIO PENNA E CAMPINAS

José Renato NALINI*

A História elaborada pelos historiadores, com o registro dos fatos de interesse para a posteridade não é a única leitura que se pode fazer da inevitável voragem dos anos. Existe uma história que fica submersa, contida na memória individual e poucas vezes explorada. Requer uma investida na prospecção, paciência, carinho, respeito pelas individualidades.

Quantos sentimentos já compartilhados permanecem esquecidos e deixam de influenciar as novas gerações? Quem avaliaria o caudal de emoções que perpassa o caminhar anônimo de pessoas que trilharam os mesmos espaços, os mesmos ambientes em que vivemos e para as quais não resta sequer um olhar saudoso?

Historiar é também resgatar os pequenos episódios das vidas passadas e tecer o encadeamento que propicia o sentido de pertença. Todos integramos a espécie humana e não é por acaso que nascemos aqui e agora, vivemos a contemporaneidade e herdamos um patrimônio cultural com as características deste nosso. Tão desprezado mas, simultânea e paradoxalmente, tão rico.

Tudo isso vem a propósito da leitura de uma obra esquecida, de um autor também quase esquecido. Ou, pelo menos, não cultuado como deveria ser.

Foi autor de quatro romances e, à época, chegou a ser considerado um ponto alto na ficção literária brasileira. Vozes autorizadas

* Secretário-Geral da Academia Paulista de Letras.

tiveram-no como o continuador autêntico da linha psicológica de Machado de Assis e Raul Pompéia e mereceu as melhores referências de Adonias Filho, Ledo Ivo, Sérgio Milliet, Augusto Frederico Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Murilo Araújo, Mário de Andrade e João Condé. Falo de Cornélio Penna, nascido em Petrópolis, em 20 de fevereiro 1896 e diplomado na Faculdade de Direito das Arcadas em 1919. Seus livros *"Fronteira"*, *"Dois Romances it de Nico Horta"*, *"Repouso"* e *"A Menina Morta"* causaram enorme impacto quando publicados na primeira metade do século passado. Mais exatamente, entre 1933 e 1953.

Não me proponho a falar sobre a obra literária de Cornélio Penna. Faltam-me credenciais para isso. Críticos respeitados como Wilson Martins já o fizeram. Mas gostaria, apenas, de recordar sua ligação com Campinas, cidade que me adotou por generosa lei da edilidade local e na qual passei anos felizes de minha vida acadêmica, no "Pátio dos Leões" da Faculdade de Direito da PUCCAMP.

Pouca gente sabe - ou se recorda - de que o romancista morou em Campinas. Em 1898, com dois anos de idade, perde o pai, o médico Manuel Camilo de Oliveira Penna e a mãe, Francisca de Paula Marcondes de Oliveira Penna retorna, com os cinco filhos menores, para Pindamonhangaba. A Terra dos Marcondes, abriga a viúva e as crianças por um ano. Depois disso, mudam-se para Campinas, onde vão permanecer dez anos. Residem no Largo do Pará, à rua Barão de Jaguará. Foi em Campinas que o romancista começa a ter consciência da vida.

Entra para uma escola particular de D. Alda do Amaral, casada com Leopoldo do Amaral e colocado em um ano adiantado depois da prova de leitura em que se saiu brilhantemente. Mas nem tudo era sucesso. Deixê-mo-lo contar.

Narra Cornélio Penna em entrevista concedida a Ledo Ivo para "O Jornal", do Rio de Janeiro, edição de 23 de fevereiro 1948, suas impressões sobre a "Cidade das Andorinhas". Textualmente: *"Em Campinas, onde existe a nossa mais bela catedral, fiz meu curso primário em uma escolinha adorável, em um velho casarão do Largo de Santa Cruz, e nunca me esquecerei de Dona Alda Amaral, minha primeira professora oficial - di-*

go oficial, porque aprendi as primeiras letras com minha única irmã, a Babi (Bárbara) que me ensinou a ler por um sistema muito curioso. Quando fui para a escola, mandaram-me ler, e li com facilidade e até expressão... E fui mandado para o terceiro ano. Como, porém, não soubesse escrever, voltei para o meu lugar. A professora veio a descobrir que eu lia romance de Alexandre Dumas e Camilo Castelo Branco... “¹.

O autodidatismo de Cornélio Penna é admirável e pode soar até exótico diante de uma infância e juventude que, em nossos dias, passa horas diante da internet e não tem paciência para terminar um livro. Sob o signo da velocidade e da imagem, a mocidade brasileira de hoje não concebe que alguém, dos oito aos doze anos, já lera toda a obra de Camilo Castelo Branco e não apenas uma vez. Chegou a ler dez vezes o mesmo livro e dizia que, não fora sua memória miserável, teria decorado “Novelas do Minho”, tantas leituras delas fez. Atribui a Camilo ter se tornado alguém triste por toda a vida. E lia compulsivamente. Desde folhetos que eram entregues na porta - já naquele tempo... - até o que não deveria ler como criança. E como aprendera francês por observar as lições de sua irmã, lia também tudo o que nesse idioma fosse encontrado, notadamente os da “*Bonne Presse*” de Paris e o Noel, as “*Lectures pour Tous*”. Mas também devorava o “Tico-Tico”, os rodapés do jornal “O Estado de São Paulo”, José de Alencar, os Irmãos Grimm, Feuillet, Alexandre Dumas, Condessa de Ségur, Ohnet, Cônego Achmid, Regnier.

Descreve sua experiência ao ler “Quincas Borba”, que o deixou trêmulo, comovido e a pensar que era louco também... “*Essa suspeita de loucura acompanhou-me até bem poucos anos, e afinal, tive que me render à evidência, e me resignar a ser uma pessoa inteiramente sensata*”².

Foi em Campinas que, por acidente, em 1906, perde a vista direita. Armou um canhão com as correntes de rede da sala de almoço, uma

(1) “A VIDA MISTERIOSA DO ROMANCISTA CORNÉLIO PENNA”, Ledo Ivo, publicado em “O Jornal” do Rio de Janeiro, 23 de maio de 1948, in “CORNÉLIO PENNA”, “Romances Completos”, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1958, p. LIII.

(2) Idem, p. LVII.

cadeira deitada e a arbaleta que ganhara. Sonha vivenciar uma aventura medieval. As pesadas correntes caem, a arbaleta dispara e consome-se o desastre. Mas também foi em Campinas que Cornélio Penna escreveu o seu primeiro romance. A heroína era uma princesa da Casa dos Hoehnstauffen e habitava um castelo situado “*em um dos altos píncaros de uma altíssima montanha*”³. Tenta ilustrar o livro e exercita o teatro com seus personagens, servindo-se de um casal de bonecos alemães que veste com trajes de época. Esse primeiro romance foi renegado pelo autor pois acreditou, aos onze anos, fosse um pintor e não um escritor. Aliás, durante muitos anos Cornélio Penna pintou, fez desenhos, gravuras, caricaturas e charges e realizou exposições, com relativo sucesso.

Em 1908 faz curto estágio no 1º Grupo Escolar de Campinas, onde é matriculado por proteção no ano do Professor Artur Segurado. Volta depois de três meses a estudar em casa e, mais tarde, na Escola Modelo, mantida pela família Magro. Ali foi sua professora D. Anália Couto, que duvida ser de sua autoria uma composição sobre um piquenique na estrada da fazenda Santa Gertrudes. Permanece pouco tempo também ali e passa novamente a estudar em casa, com os professores particulares Alonso Leite de Barros, Seixas e Carlos Foschini.

Com estes mestres se prepara e em 1910 adentra ao famoso Ginásio do Estado “Culto à Ciência”. Encontra excelentes professores e idéias modernas. Fica muito amigo do professor de português, Américo Brasiliense de Moura, homem estudioso e muito tímido. Basílio de Magalhães seu professor de literatura e tem longos diálogos sobre Camilo Castelo Branco, o escritor predileto de ambos. Foi surpresa e prazer para Cornélio, ter aulas com o professor de Geografia Gustavo Enge, adiantado meio século sobre a pedagogia da época e que dá temas geográficos como composição aos alunos.

Relembrava com carinho sua passagem pelo “Culto Ciência”, instituição pela qual passaram alguns dos mais notáveis brasileiros. Ali matriculou-se em 1910, convicto de que era um modelar estabelecimento de ensino. “*Lembro-me do Sr. Jean Keating, professor de francês, que eu*

(3) Idem, *ibidem*.

acreditava ir a Paris todos os anos para aperficeioar sua pronúncia. O de português era o Sr. Américo de Moura, que foi um grande amigo para mim, e me considerava um ótimo aluno, sem saber que eu não era capaz de decorar uma regra de gramática, nem talvez conjugar um verbo mais difícil. Geografia, cujo professor era o Sr. Gustavo Enge, história, e coisa que até hoje não consegui me explicar, trigonometria, eram minhas matérias prediletas. Vivia um pouco afastado dos colegas, sem amigos, mas já nesse tempo a vida me ensinara rudemente os seus perigos, pois aos dez anos feri a vista direita, e perdi toda a visão, e daí o meu martírio de criança, proibido de ler, e ouvindo através da porta de meu quarto, a recomendação ansiosa: - Apague a luz, que você fica cego... ⁴". Desobediente à preocupação materna, mas submisso à sua vocação, continuava a ler, todas as noites, até três ou quatro da manhã. A essa altura já descobrira os russos e vivia entre os heróis de Dostoiowski, de Puchkine, de Gorki, Gontcharof, Tolstoi, Leskow e muitos outros.

Completa o quarto ano ginásial em Campinas e a família transfere-se para a Capital em 1913. Depois de breve curso no Ginásio Silvio de Almeida, entra para a Faculdade de Direito no ano seguinte. Não chega a terminar o primeiro ano, pois contrai tifo e vai se curar em Campos do Jordão. Depois repete o primeiro ano do curso de Direito, o que o salvou do temido trote acadêmico. Acreditava ter nascido pintor. Mas, solicitado a escrever no jornal das Arcadas, que cursou entre 1914 e 1918, acabou por agradar aos leitores. O jornalzinho se chamava "Floreal" e Cornélio Penna auxiliou a fundá-lo, em companhia de Luis Filipe do Rego Rangel, Getúlio Paula Santos, Jefferson Ávila Júnior, Hamilton B. Pinheiro da Cunha e Boaventura Dias Barreto. Sua colaboração nesse periódico, que é quinzenário, consiste em alegorias, gênero que pretende criar, feito de decoração e simbolismo.

Suas saudades da São Francisco, porém, não estavam no mesmo patamar afetivo daquelas sentidas de seus tempos em Campinas. De quase duzentos colegas, lembrava-se de poucos, "*pois não conseguia me fazer aceitar por eles, e hoje vejo como tinham razão: eu devia ser*

⁽⁴⁾ Idem, ibidem.

*incrivelmente aborrecido com a minha intensa literatura, que não me deixava viver simplesmente, como todos os rapazes de minha idade, pois não podia separar a minha vida imaginária, presidida pela desgraça dos fatos, da vida de estudante de Direito. Não posso compreender como consegui passar todos os anos, é verdade que com as notas mais baixas de minha turma, alcancei o diploma de bacharel. Mas, mesmo assim, levei uns vinte e muitos anos certo de que tinha sido reprovado no exame final, pelo Professor Cardoso de Melo Neto, que era a minha **bête noire**...⁵ Há bem pouco tempo foi que verifiquei que tinha sido aprovado na matéria dele, e mandei vir o meu diploma... ”⁶.*

Sua vida profissional é bastante confusa. A partir de 1920, como jornalista, presta serviços a jornais também confusos, como o “*Combate*”, de Caio Monteiro de Barros e a “*Razão*”, do Comendador Matos. Em seguida, a convite de Figueiredo Pimentel II trabalha como redator de banca de “*O Jornal*” de Assis Chateaubriand, mas interrompe por três vezes esse vínculo.

Entre 1925 e 1926 admitido como 3º oficial no Ministério da Justiça, considera-se medíocre funcionário, mas faz boas amizades como Téo Filho, Abbadie de Faria Rosa e Silvio Elia. Chega a morar em São Paulo, em 1941, à rua Ministro Godoi, 657, em companhia da mãe, para que esta fique próxima à maior parte dos filhos. A mãe falece em 1943 e nesse mesmo ano ele volta para o Rio de Janeiro. Ali permanece até sua morte, em 12 de fevereiro de 1958.

Profunda a vida interior desse romancista circunspecto, reservado, intensamente religioso no melhor significado dessa condição de criatura vinculada ao Criador. Em 1935 fora comungar no Mosteiro de São Bento e retorna à prática da religião católica, a qual abandonara na juventude. Entendia que a solução para todos os homens, seria comparecer

⁽⁵⁾ O Professor Cardoso de Melo era o titular da disciplina Direito Internacional Privado. Por achar que havia sido reprovado por ele, Cornélio Penna desinteressou-se de colação de grau e formatura. Só muitos anos depois é que veio a tomar conhecimento da aprovação e mandou buscar seu diploma nas Arcadas.

⁽⁶⁾ Idem, p. LVIII.

voluntariamente, no sentido de espontaneidade, perante Deus. *“Desse contato sairá a salvação do mundo, porque estou convencido de que as soluções individuais é que determinarão o aparecimento das soluções gerais. Não é a humanidade que está errada, é o homem..”*⁷.

Continua correto o asserto de Cornélio Penna. Não é a humanidade, ficção da retórica, mas a criatura humana, na concreção de seus paradoxos, que não sabe conferir um destino mais nobre à sua história. É mediante o resgate de ensinamentos perenes, como os contidos na vida e obra de Cornélio Penna, que talvez se valide o reencontro de cada qual consigo mesmo.

*Em “Fronteira”, que Tristão de Ataíde considera o “romance da Santidade falhada, ou antes, da sede de santidade insatisfeita e incompreendida”*⁸, encontra-se o clamor de Cornélio Penna por uma alma nova. Rumo a essa alma nova, defronta-se ele com uma porta desconhecida: *“E devagar, furtivamente, abro a porta para entrar no mundo novo que se acha atrás dela, ao encontro dos homens e das mulheres cujas vozes chegam mais distintas, sabendo que nada poderei oferecer-lhes, a não ser as minhas mãos gastas, meu corpo cansado, minha alma usada e sem destino”*⁹.

⁽⁷⁾ Idem, Ibidem.

⁽⁸⁾ ALCEU DE AMOROSO LIMA, sob o pseudônimo “Tristão de Ataíde”, na Revista Fronteiras, Recife, novembro de 1936.

⁽⁹⁾ CORNÉLIO PENNA, “Fronteira”, cit., p.13.